

Casas de artigos religiosos e a constituição de espaços sincréticos no centro da cidade de São Luis do Maranhão.

Thiago Lima dos Santos. UFMA, Graduando em História.

thiagolima.santos@yahoo.com.br

GP Religiões Afro-Brasileiras e Kardecismo

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre cultura afro-brasileiras são muito variadas e tentam dar conta da presença desta em vários âmbitos da cultura nacional. Música, dança, estética e culinária são indiscutivelmente resultados de processos de sincretismo cultural. A análise do sincretismo no plano religioso pressupõe a interpretação de uma realidade vivida por inúmeras pessoas no país e que teve sua origem em tempos coloniais, isto parece claro e evidente quando pensamos as religiões afro-brasileiras tanto que o assunto quando abordado em livros de história não ocupa muito espaço e nos livros didáticos não merecem mais que o espaço de uma nota de rodapé como se o negro estivesse entrado mudo e permanecido calado.

No entanto os fatos não são operados nesse plano e possuem muitos desdobramentos. Nessa perspectiva que pressuponho um olhar para as casas de artigos religiosos a tentativa de compreender como, em uma sociedade preconceituosa orientada por religiões que se julgam superiores, a venda de artigos religiosos está sendo desenvolvida e quais suas conseqüências no plano cultural. Esses estabelecimentos estão localizados próximos a Igrejas Católicas e as relações entre esses dois credos são expostas aqui como resultado da interação de elementos distintos em um mesmo espaço o qual chamei de sincrético.

2. A ENTRADA DAS RELIGIÕES AFRICANAS

Para compreender as religiões afro-brasileiras é necessário lançar olhar sobre o passado e observar na entrada dos negros escravos a gênese desse fenômeno religioso. Rapidamente faremos um apanhado deste momento histórico. No entanto esse passado é muito impreciso, a documentação que nos daria base para não tão somente calcular, mas perceber em termos estruturais a presença de negros no Maranhão (e no Brasil) é muito escassa quando não inexistente pois,

Mal fora a Monarquia substituída pela República no Brasil e logo o novo governo, pro decreto de 14/12/1980 [...] mandou que se incinerassem, nas alfândegas, todos os documentos referentes a entrada, no país, dos escravos africanos [...]. (MEIRELES, 1944, p. 127).

Por certo essa tentativa teve como hipótese a possibilidade de abrandar os números da escravidão. Este princípio funciona, pois, somente no papel já que o Brasil possui marca indelével da colonização africana. Não me prenderei na listagem destes elementos,

mas basta perceber que as estimativas apontam (de maneira bem incerta) entre 2,5 a 3,3 milhões de escravos introduzidos no Brasil¹, o que representaria quase 45% do total de escravos comercializados no atlântico entre 1500 e 1800². O Maranhão seria responsável por 8,3% do número de escravos metidos pela consta brasileira durante o mesmo período, somando assim quase 200 mil cativos.

Deixando os números, não há como supor que com tantos negros inseridos em terras brasileiras a cultura européia se manteria intacta e a cultura negra inerte. O que de fato ocorreu foi o contrário e atualmente observamos a presença africana em muitos aspectos culturais como nas práticas religiosas, duramente combatidas pela Igreja Católica³, mas que por complexos processos de resistência conseguiram manter-se viva. Hoje representam uma realidade vivida até mesmo nas grandes metrópoles adaptando-se a vida citadina e chegando a todos os cantos do território nacional sob diferentes denominações representando as faces de uma religiosidade muito peculiar.

3. A CONQUISTA DE ESPAÇOS SOCIAIS E A GÊNESE DOS ESPAÇOS SINCRÉTICOS.

Da lei Áurea até os dias atuais uma série de desdobramentos sociais econômicos e políticos podem ser entendidos como elementos integrantes para a construção de um espaço em que a cultura negra ganhou progressiva liberdade e adeptos, galgando posições em um ambiente que mesmo assim ainda é hostil às representações religiosas africanas. Tal cultura manteve-se presente resistindo a pressões de outra cultura dita superior através de imbricados processos que devem ser analisados conjuntamente na tentativa de se entender o atual quadro cultural do qual fazem parte.

No Maranhão esses processos históricos podem ser observados desde o século XVII ainda com a escravidão em voga, no entanto, são os séculos XIX e XX que mais presenciaram mudanças no cenário social e político permitindo certa a liberdade não só do negro como de sua cultura. Não vou analisar aqui todos estes elementos, mas apenas citar alguns e qual sua relação com o desenvolvimento das religiões afro-brasileiras.

Um destes e de crucial importância pelo período em que ocorreu foi a expulsão dos jesuítas pelo marquês de Pombal o que deixou o Maranhão “sem qualquer atividade missionária até 1840”⁴, esta medida resultou em vários fatos históricos e um destes seria uma brecha ao determinismo de uma única religião oficial. Isto pode ter sido facilitado o

¹ Mario Meirelles (1994, p. 148) trabalha com os números de Oliveira Marques e Roberto Simonsen.

² REGIANE apud LOVEJOY in História e Cultura Afro-Brasileira. São Paulo: Contexto, 2007, p. 66

³ Tanto no passado quanto a atualidade a Igreja Católica e mais atualmente, as neopentecostais desferiu sucessivos ataques contra as religiões afro como observa Reginaldo Prandi em “O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso”, Revista Estudos Avançados 18, 2004, p. 223-238.

⁴ ASSUNÇÃO in Revista de Políticas Públicas v.3, 1999, p. 44.

desenvolvimento de cultos paralelos conduzidos por outro tipo de sacerdotes que não ordenados pela Igreja dando características populares ao catolicismo europeu. O panorama religioso do Brasil também possuía “condições favoráveis e pré-existentes” que tenderiam “a uma autonomia mística de ruptura da hierarquia e da instituição religiosa oficial”. A grande quantidade de pessoas encaixadas nas classes populares transformou o Brasil em um espaço direcionado a uma informalidade religiosa com vocação para “religiosidades populares”, “manifestações individuais, espontâneas e autônomas de espiritualidade”⁵, isso se aplica diretamente ao desenvolvimento das religiões afro uma vez que o sistema que esta opera é diferente e em certos casos opostos as concepções dogmáticas do catolicismo. Ainda no século XIX o fim do matrimônio entre Estado e Igreja significa segundo a redação do artigo presente na constituição de 1891 a liberdade (pelo menos teórica) de qualquer culto e dos indivíduos.

No século XIX a lei de liberdade religiosa dá nova forma ao contexto cultural aqui expresso reordenando legalmente o espaço social protegendo a liberdade religiosa.

Retrocedendo alguns anos o século XX no Brasil foi o momento em que despontaram grandes nomes no estudo do negro, sua cultura e, em especial, sobre as religiões de matriz africana. Sem exprimir juízos de valor ou rotular uma análise, o bastante nesse momento é destacar que, historicamente, ela retrata o pensamento de época revelando o pensamento social a respeito do negro e seja esta visão racista, preconceituosa ou não o negro e sua cultura passavam a objetos de estudo e este ator social, até então renegado, recebe um lugar na formação do Brasil e passa a ser visto em primeiro foco por estudos sociológicos e antropológicos, numericamente superiores em comparação com os históricos.

4. A CULTURA NEGRA PRESENTE NA VENDA DE ARTIGOS RELIGIOSOS.

Historicamente, observamos como as religiões africanas se desenvolveram no Brasil e como ganharam espaço em uma sociedade mestiça e criando um mosaico com todas as variações do negro ao branco. De fato, os cultos afro se disseminaram por toda a sociedade, seja pelas condições destas em se desligar de qualquer tipo de instituição dogmática, ou seja, pela relação muito própria e peculiar entre o indivíduo e seu orixá.

Os cultos afros oferecem uma gama de serviços mágico-religiosos que podem ser comprados por qualquer indivíduo. O atendimento e a rápida solução oferecida aos problemas não só espirituais, mas também materiais, além de uma não necessidade de vinculação à religião afro a transforma em um espaço de liberdade do indivíduo e uma

⁵ SANTOS in História do Maranhão: Novos Estudos, 2004, p. 177

alternativa social importante para diferentes segmentos sociais que vivem numa sociedade como a nossa, em que ética, código moral e normas de comportamento estrita podem valer pouco, ou comportar valores muito diferentes.⁶

Estabelecida essa relação comercial volto meu olhar para as casas de artigos religiosos onde estão disponíveis toda sorte de banhos, essências, defumadores, velas entre outros símbolos das religiões afro. Algumas dessas lojas não vendem itens exclusivos das religiões afro-brasileiras, mas contam com um público em sua maioria considerado popular ou “povão” como se referiu o dono de um dos estabelecimentos fazendo referência a uma análise de que os cultos dos terreiros são caracterizados pela participação em massa de pessoas das camadas mais pobres da população embora essa análise possua suas variantes. Segundo ele “poucas pessoas vão ali para buscar alguma coisa da igreja católica”. Embora as lojas não façam distinção de público o dono afirma que “quando é coisa pra igreja católica” os consumidores buscam outras lojas como uma livraria católica ou até mesmo outra loja também especializada na venda de artigos religiosos, mas que pelo ambiente apresenta uma estética maior o público católico acaba dando preferência a esta última.

Estas palavras mostram um mercado disputado que por sua vez revela com a religião ainda é muito forte na vida dos indivíduos que cada vez mais buscam novas experiências para sanar rapidamente seus problemas.

5. A VENDA DE ARTIGOS RELIGIOSOS E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO SINCRÉTICO.

A grande quantidade de casas de artigos religiosos situados no centro da cidade acaba configurando um espaço sincrético uma vez que esta área é também densamente pontuada por Igrejas Católicas. Não é a existência desses dois elementos que por si só que poderiam configurar um espaço sincrético, observando dessa maneira a análise proposta poderia ser concluída de maneira superficial sem dar conta de uma série de relações existentes dentro deste contexto.

Primeiramente vamos observar a noção de sincretismo aqui utilizada e a partir da qual surgiu a idéia deste trabalho. O antropólogo Ordep Serra compreende por sincretismo

“todo processo de estruturação de um campo simbólico religioso ‘interculturalmente’ constituído, correlacionando modelos míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas dessa ordem que assinalem expressamente outros (que se refiram a outros) de maneira a ordenar o novo espaço cultural.” (SERRA 1995 p. 197 -198).

Um espaço sincrético necessariamente não é um espaço em que dois elementos de culturas diferentes estejam postos lado a lado, isso poderia ser caracterizado como um simples posicionamento visual de elementos opostos e em decorrência do hibridismo cultural brasileiro. A presença de uma casa de artigos religiosos na mesma rua em que uma Igreja

⁶ PRANDI, Reginaldo. Herdeiros do Axé, p. 1-50 (versão disponível na internet)

Católica pode não significar muita coisa em um local marcado pela diversidade cultural, mas as relações existentes entre estes dois ambientes acaba criando este espaço sincrético, ou seja, um ambiente em que culturas diferentes trocam experiências e a linha que as divide ora é bem definida ora não.

Esta outra conotação do termo sincretismo pode ser aplicada no ambiente acima relatado onde símbolos de religiões diferentes e contraditórios não estão somente próximos, mas ordenando um espaço com “novos códigos e novas práticas sociais derivadas deste” (SERRA 1995 p. 198). Nesse local, cristãos interagem com umbandistas de modo nem sempre harmonioso evidenciando certos casos em que o duplo pertencimento religioso ainda é gerador de conflitos.

Antes de adentrarmos nos elementos, códigos e práticas deste espaço faz-se necessário caracterizá-lo, para tanto lancemos olhar ao passado e compreender que um grande número de igrejas em um local relativamente pequeno diz respeito ao fato da cidade de São Luis, em se tratando de área urbana, resumia-se até fins do século XIX ao local, que hoje é conhecido por centro algumas de suas adjacências. Estas igrejas foram construídas em sua maioria no século XVII e XVIII permanecendo erguidas até hoje. Analisamos também a presença da religiosidade africana e sua influência na cultura local, colocando como parte integrante deste cenário religioso as casas de artigos religiosos que se localizam na mesma área referida em geral próximas à igrejas, quando não, na mesma rua. Quem anda pelo centro e em especial pelas ruas comerciais pode se encontrar facilmente em um cenário sincrético como este.

As casas de artigos religiosos estão abertas qualquer pessoa, independente da religião do indivíduo e mesmo que alguns donos e empregados das lojas afirmem que a maior parte do público situa-se entre umbandistas não podemos excluir a participação de católicos e até mesmo protestantes neste comércio. “Os católicos compram principalmente defumadores e velas, pois é a credence popular afastar maus espíritos” e mesmo com todos os dogmas da igreja “as pessoas não acreditam estar praticando algum mal ao defumarem sua casa ou acender uma vela colorida em frente ao seu santo de devoção” afirma um empregado de uma das lojas pesquisadas. Essa afirmação está relacionada com dois fatos, um é o duplo pertencimento religioso onde o cristão umbandista ou o umbandista-cristão não sofre conflitos ao participar de dois cultos, pois interpretam que, em essência, a maneira com a qual entram em contato com o sagrado possui a mesma raiz, esta “questão de fé” está muito presente nas pessoas que freqüentam tanto a missa quanto o terreiro para se sentirem espiritualmente realizadas. O outro é o fato de que a noção de pecado que acompanha o católico serve como

limitador de suas ações e caso esta prática for geradora de dúvida a vela não será acesa nem o defumador queimado.

Outro item observado é a possível participação dos neo-pentecostais neste mercado. Este fato foi levantado por um dos entrevistados que diz com convicção que pessoas da Igreja Universal do Reino de Deus compram aquilo que os pastores utilizam no culto e na e nas propagandas televisivas. O sal está entre um dos principais produtos procurados além de banhos e outros produtos com a denominação abre caminho. Ao ser questionado em que ele se baseava para emitir tal afirmação ele respondeu que “a resposta está na televisão” e também pelo fato do “‘crente’ ver o pastor falar de abre caminho e ele buscar algo semelhante na loja”.

Não tendo dados para comprovar tal fato exponho este argumento assim como me foi passado por um dos entrevistados, mas que não deve ser excluído pois a que presente situação além de ser atravessada de questões de cunho individual (questões de fé) e neste cenário sincrético novas práticas podem surgir e desaparecer com o passar dos tempos.

Uma dessas práticas relatada por um vendedor e constatada pela maioria dos entrevistados é a pratica da “compra para o vizinho”. Uma vendedora afirma: “o maranhense é uma pessoa muito boa e vive fazendo favor pros outros, muita gente vem aqui a usando a desculpa de que o vizinho pediu ou ‘que fulano lá da rua está precisando’”. Esta benevolência expressa na hora da compra faz parte de outro medo que as pessoas têm que é o do preconceito que possam sofrer por estarem comprando artigos religiosos nas lojas em questão ou se assumirem como adeptas de alguma religião afro.

Este preconceito gera conflitos que por sua vez tendem a estar presentes na vida daqueles que se assumem adeptos de alguma religião afro-brasileira. Um caso evidente disso ocorre com dona Maria que tem situado ponto comercial em sua residência. Ela afirma ser vítima de preconceito no seu dia-a-dia, mas que releva tais fatos, pois se sente bem no que faz e não se incomoda se ainda hoje as pessoas não sentam ao seu lado na missa por saberem que possui além de uma loja de artigos religiosos um terreiro de umbanda. Afirma também que muito do preconceito por ela sofrido já diminuiu com os 24 anos que está instalada naquele local, os xingamentos e expressões caluniosas que os vizinhos emitiam foram desaparecendo e hoje os mesmo recorrem a ela em caso de necessidade.

6. CONCLUSÃO

As análises aqui apresentadas não podem ser tomadas de maneira independente. A venda de artigos religiosos está relacionada não só com uma demanda comercial, mas também religiosa, tanto de alguns donos como dos consumidores que necessitam manter contato

constante com o seu(s) deus(es). Objetos como medalhas, velas, essências, defumadores são elos de conexão entre o homem e o sagrado. Esta constante busca uma satisfação espiritual e também das necessidades materiais de maneira imediata seja então a raiz do deslocamento que muitas pessoas operam quando buscam em um terreiro o aconselhamento

Neste contexto cabe aos indivíduos escolherem qual credo seguir e na escolha das religiões de matriz africana passará por uma série de experiências novas. Tentando dar conta de algum desses processos esta pesquisa focaliza para um tipo de comercio muito forte em uma sociedade muito religiosa e também muito diversificada neste ultimo aspecto.

Apresentei algumas práticas que são muito fluidas e que variam a cada loja visitada. Com a entrevista efetuada seja com o dono ou com um vendedor cada um destes expõe situações vividas por eles e não devem ser desconsideradas por serem parte da vivencia cultural do país onde algumas práticas são pouco estáveis outras – como o preconceito - são quase unânimes em relato dos entrevistados.

Tratar religião também suscita dúvidas e olhares estranhos e enquanto uns responderam livremente as questões levantando hipóteses e concluindo pensamentos a partir de suas experiencias outros com um simples “não posso responder” sinalizavam após minha apresentação.

Levando em conta tantas experiências pessoais e tentando relacioná-las e encaixá-las nesse contexto sincrético torna-se evidente a necessidade dos símbolos religiosos na vida das pessoas, independente da religião que professem. Encerro de maneira propositalmente comercial que nas casas de artigos religiosos você encontrará toda sorte de símbolos religiosos para satisfazer suas necessidades espirituais e porque não, materiais.

Bibliografia.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura Afro-Brasileira. São Paulo: Contexto, 2007

COSTA, Wagner Cabral da (org.). História do Maranhão: Novos estudos. São Luis: EDUFMA, 2004.

MEIRELES, Mario M. Dez Estudos Históricos. São Luis: Alumar, 1994.

SERRA, Ordep. Águas do Rei. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

Sites

www.ma.gov.br